

O olhar nostálgico do flâneur Charles Baudelaire do processo civilizador de Paris no século XIX: sensações e emoções da vida cotidiana

Leandro Antônio dos Santos

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Goiânia - Goiás - Brasil

leandrosantoshis@gmail.com

Resenha da Obra: MENEZES, Marcos A. *Um flâneur perdido na metrópole do século XIX*. Curitiba-PR: CRV, 2020.

Um flâneur perdido na metrópole do século XIX, de Marcos Antônio de Menezes, traz uma análise inspiradora ao pensar a literatura sendo um produto em potencial de reflexão da cidade de Paris, no século XIX, através da ótica desnudada de Charles Baudelaire. O produto da experiência citadina de Baudelaire residiu em abarcar uma ampla gama de significados em torno do que é estar presente e vivenciar um ciclo de transformações radicais em Paris, provocadas pelo ideário civilizador. O autor percebeu as sutilezas que a literatura pode abarcar, na percepção da sensibilidade moderna, e de como os sujeitos se depararam com a modernidade capitalista, discutindo “a partir das poesias de Baudelaire reunidas em *Quadros parisienses*, do livro *As flores do mal*, a modernidade imposta ao espaço urbano no século XIX. Essa modernização transformou profundamente não só lugares, mas também as pessoas” (p. 14), emoldurando um amplo espectro de sensações sentidas por Baudelaire, e a forma de conceber a vida cotidiana eclipsada por sua visão de mundo.

Adentrando no capítulo um, “Palavras e balas, dandismo e boemia”, Menezes situa Baudelaire dentro de uma concepção de arte engajada, alinhando arte e política como expressão do mundo. O poeta tomou como palco de suas impressões a vida cotidiana da cidade de Paris nos anos de 1789, 1794, 1799, 1830, 1848, avassalada por revoluções, e tendo a burguesia como aspirante ao poder político. Baudelaire lutou na Revolução de 1848, junto aos revolucionários e “viveu toda a agitação de fevereiro, maio e junho: meses de maiores manifestações populares da revolução” (p. 35). Nesse clima,

foram muitos os artistas e intelectuais que floresceram em criatividade nas suas mais incríveis produções artísticas, sendo a boemia o destino natural, o exílio, dos conspiradores. Uma faceta de Baudelaire é sua incursão pela boemia, com a qual teve contato durante boa parte de sua vida, tendo formado vários amigos boêmios. Sua poesia nasceu aí, resultando em “códigos e alegorias. Nesse campo, Baudelaire se revelou um mestre” (p. 37). Foi nos espaços boêmios que Baudelaire extraiu sua estética. Para Renato Ortiz (1991, p. 76), “este meio, por se situar à margem da sociedade, alimenta-se de valores próprios, como o culto à individualidade, o repúdio às instituições artísticas tradicionais (as academias), a recusa em participar de uma cultura popular de mercado”.

O tema da revolução é uma constante nos poemas de Baudelaire, tendo expressado, nessas produções, um sentimento de descontentamento sobre os fatos deparados a sua frente, nos desdobramentos melancólicos de suas representações, e pelo tom de criticidade em suas visões da sociedade parisiense. A vida boêmia era um atrativo natural, inclusive destino de muitos amigos de Baudelaire, como forma de absterem-se do cotidiano burguês. Um dubio sentimento está presente em sua visão de mundo, por um lado, o heroísmo, e também o mal-estar, a percepção contraditória da vida, desconfiança com o moderno, observando a condição humana nas margens, um atento observador das ruas. Entre o dandismo e a boemia, foi aquele que buscou o passado perdido, se tornando um “espírito inquieto” (p. 72).

No segundo capítulo: “Baudelaire e o espaço urbano do século XIX”, o autor apresenta que o século XIX se mostra como o momento em que a cidade moderna atingiu o seu auge, mudanças essas advindas da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, que permitiram uma ampla reformulação na concepção de indivíduo. “Isso significa que toda uma nova rede de relações se constituiu a esse homem, antes livre na pequena aldeia, viu-se então atirado na multidão e, aturdido, tentou abrir o próprio caminho” (p. 74). Essa constatação faz emergir uma possibilidade de reflexão no horizonte que se avolumam de transformações em torno das cidades no século XIX, criando assim uma “consciência de ruptura” (SALIBA, 1991, p. 32).

O olhar do *flâneur* se forjou na produção de poemas voltados para o universo do citadino, tendo Paris como cenário, “uma cidade grandiosa, planejada, urbanizada, que passou, durante a vida do poeta, por várias transformações, centro da produção intelectual e cultural e polo irradiador de ideias na época” (p.78), ao mesmo tempo, surge a arte como ato de resistência e protesto contra essa sociedade que é construída (BENJAMIN, 1994). A representação de Paris, tecida por Baudelaire, é de repulsa e

atração, de movimento e opressão. Temas marginais emergem de sua criatividade, percebendo as sutilezas do instante, dos frêmitos. O que resulta desse emaranhado de sensações é a solidão. Buscou, de forma feroz e insistente, retratar as “profundezas da cidade para revelar as formas de beleza e as monstruosidades criadas pela modernização” (p. 80). Essa representação tem a literatura como produto, “ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (SEVCENKO, 1995, p. 21).

George Simmel e Walter Benjamim estão sintonizados em perceber, com nitidez, essa tensão que se produz no seio da cidade moderna, ao olhar, com cuidado, um clima de apavoramento, em perceber que o presente não consegue se associar ao passado de forma justa e complementar, ocasionando uma atitude *blasé*, “um estado intermediário entre a idiotice e a loucura” (p. 95). Já para Simmel (1976, p. 16), ela “resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compreensão concentrada, são impostos aos nervos”. Essa atitude, quase inoperante, faz com que o sujeito se volte para si mesmo, e perceba as diferenciações culturais, recusando a entrar no movimento alienante da vida social. Baudelaire indagou sobre a perda da memória, a busca pela autonomia coletiva, a subjetividade como forma de leitura do mundo, contrário à sensação de inutilidade, reconhece a modernidade como produtora de uma incompreensão da vida cotidiana, no distanciamento da tradição. Com isso, a cidade se configura como desintegradora do passado, perdida, na reprodução e reconciliação com a identidade existencial, conduzindo o humano à perplexidade.

No capítulo três: “Em busca de uma nova poesia”, está presente a ênfase na originalidade do discurso de Baudelaire, que, distanciado dos preceitos românticos, estava inserido em uma emissão poética única e pessoal, característica de sua vida imbuída de um forte sentimento de observação da realidade a sua volta, denunciando as problemáticas da modernidade, a alienação da arte de seu tempo, usando a fantasia como expressão máxima de sua particularidade literária. O poeta “pensava a modernidade como dissonante; fez do negativo algo fascinante. O artificial, o mal, e o decadente são materiais estimulantes; contêm mistérios que guiam a poesia a novos caminhos” (p. 115). Sua poesia se assentou sobre a cidade como produção humana, que, na proposição de Arnold Hauser, “não passava de uma fantasmagoria” (p. 116). A mente de Baudelaire entende a cidade como uma grande ruína, perdida nas inferioridades forjadas em suas estruturas, ela é matéria elementar de onde se extrai as mais sensíveis e terríveis sensações, fruto do desejo e do medo. O poeta denunciou a degeneração dos sujeitos e das novidades pulsantes na Paris do século XIX.

Baudelaire, por meio de sua poesia, atuou contra a despersonalização individualista, frente às mudanças sentidas na sociedade parisiense, na atitude de dissecar o sujeito moderno, a procura de suas referências, ocasionando uma busca pela própria existência. Esta, por sua vez, sendo questionada, diante de um ciclo de novas atribuições que foram conferidas à cidade. Sua missão situa-se em se adequar à personalidade inquieta, dentro de vários personagens criados, ao se deparar com espaços por onde circulou, na cidade de Paris, se configurando em um *dândi* ou *flâneur*, a observar as várias “máscaras da cidade” (FERRARA, 1990, p. 3-10). As dificuldades materiais de Baudelaire acabaram por impeli-lo à boemia, tendo recebido enorme herança, mas que, durante a sua vida, acabou por contrair muitas dívidas, o que o levou para a ruína. Várias foram as imagens que descreveram Baudelaire, de príncipe a boêmio, adquirindo várias máscaras, por onde transitou, ao receber a herança paterna. Teve uma imensa capacidade de adaptação pelas várias camadas de sociabilidades por onde transitou, mas “o dândi não resistiria ao peso de uma sociedade opressora e tão orgulhosa da própria civilização” (p. 130).

O seu mal-estar no mundo era, constantemente, visível, na forma como a vida e a arte eram compreendidos por Baudelaire, com intensa simbiose. Comparado a um *flâneur*, elaborou representações no desejo de “esposar a multidão” (WHITE, 2001, p. 48), que sempre acompanhava, transformando a sua vida em um caleidoscópio de sensações, no contato das ruas, emoldurando uma construção multifacetada de si mesmo, ao observar o seu redor com nostalgia. O efeito inebriante da modernização e dos acontecimentos de sua vida fez com que o ócio fosse um caminho a ser trilhado por Baudelaire, ao levantar a bandeira contra a incapacidade da modernização de reconhecer o passado como sua maior orientação. Sua marca lírica depreendeu o que de mais singular se pode notar no meio do tecido social, “o dândi e o *flâneur* eram personagens que permitiam a Baudelaire viver novas experiências, imediatamente incorporadas à poesia dele” (p. 157).

O livro, aqui, resenhado, por meio de seus três capítulos, traz uma completa análise, rica em percepções e sensações, de Baudelaire e da cidade de Paris no século XIX. Menezes reconhece, em Baudelaire, um símbolo de luta contra a dissolução da cidade, e de frustração para com a sua época, ao perceber um conjunto de transformações idealizadas pelas metrópoles no século XIX, que recriaram novas maneiras de estar inserido na cultura da cidade, gerando submissões, exclusões, e, principalmente, ilusões

advindas do novo, “que não é fruto da tradição nem criado pelo coletivo: é pura cópia do velho: é fantasmagoria” (p. 170).

Referências

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX). **Revista Brasileira de História**, nº 8/9, p. 35-68, 1985.

FERRARA, Lucrécia D' Aléssio. As mascarás da cidade. **Revista da USP**, nº 5, p. 3-10, 1990.

SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e crítica cultural na Primeira República**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida material. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WHITE, Edmund. **O flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOBRE O AUTOR

Leandro Antônio dos Santos é doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Recebido em 22/08/2022

Aceito em 11/04/2023